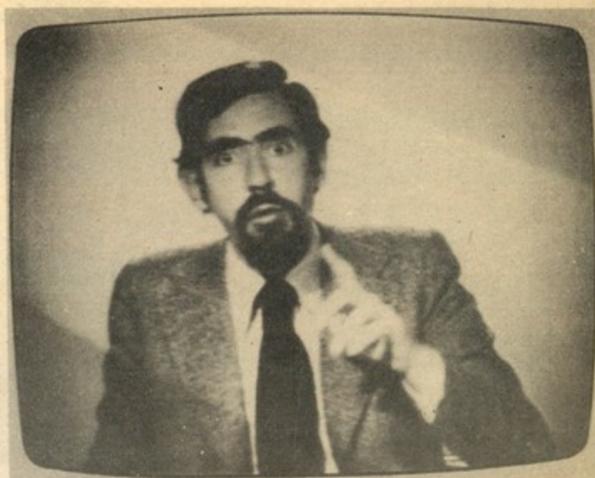


EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES, O GOVERNO NÃO MOSTRA MEDO ...E DIZ AS VERDADES



(pág. 6)



António Barreto:

«O que se fez foi a colonização do Alentejo pelo PCP»

13

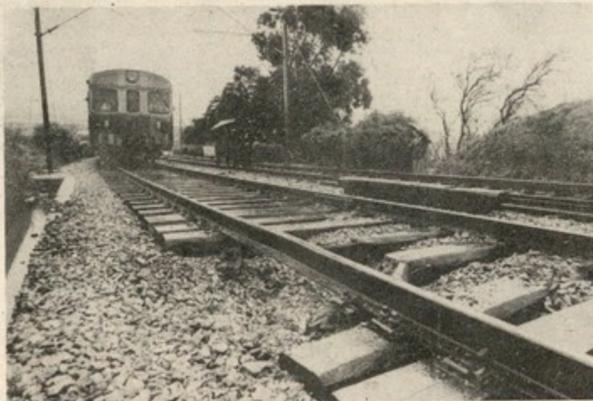
Figuras & Figurões



Conhece Moscovo, Roma,
Lusaka, Estocolmo, Tunes...
É major ou é Agência
De viagens Melo A

13

s?



Os bombistas não desarmam

QUEM está interessado em criar a desestabilização, a insegurança, o pavor?

Quem ganha com a implantação de sabotagens, do terrorismo, do desassossego?

Quem pode tirar partido do estado de espírito de um Povo que, em vésperas de eleições, começa a dar mostras de inquietação e de intranquilidade?

Quem desprezita permanentemente os interesses dos que trabalham — dos autênticos —, dos que labutam, dos que pretendem justiça, igualdade e paz? Quem coloca bombas nas linhas de Sintra e do Estoril e na conduta de abastecimento de água a Lisboa?

A resposta só pode residir num dos extremos ou nos dois simultaneamente. Porque quem está verdadeiramente empenhado em reconstruir Portugal, em consolidar a Democracia, em caminhar no sentido do progresso e da Liberdade, não é bombista, não é sabotador, não comete crimes contra a Nação e contra todo o Povo português.

Compete-nos, pois, a todos

nós, os verdadeiros democratas, não permitir que se contínui a espalhar o terror. Dentro do que estiver ao nosso alcance não deixaremos de denunciar actos que põem em equação as intenções puras do 25 de Abril e o reforço que lhe foi prestado em 25 de Novembro.

Em período de clima eleitoral, há quem, nitidamente, pretenda desmobilizar as massas votantes, sem dúvida aquelas que não estejam envolvidas pelo espírito de militância partidária e que, por isso, serão as mais facilmente afastadas da ida às urnas. É forçoso que, no próximo dia 12, todos cumpram o seu dever. Que encarem as eleições para as autarquias com igual importância como aconteceu com as anteriores.

Se tal não suceder, se a população mostrar desinteresse em expressar a sua vontade, de uma coisa pode ficar certa: os outros, aqueles que não se conformam em ser a minoria e que usam todas as armas para atingir o Poder, esses lá estarão junto das urnas.

«Linha directa»

Mário Soares respondeu ao que lhe perguntaram

(pág. 12)

Autarquias locais

Candidatos às eleições pronunciam-se

(pág. 13)

CERTINA

Certina-DS o relógio mais forte do mundo

porquê?
para si qual será
a melhor explicação?
— a nossa, ou a do técnico
da sua confiança?
faça-lhe a pergunta,
ele lhe revelará o **porquê!**



autarquias locais

Três candidatos pronunciam-se



Aquilino Ribeiro Machado (PS):

«Campanha eleitoral de extrema importância»

«O PAÍS» — O que pensa desta campanha eleitoral, que se iniciou na passada semana?

Estabilidade do eleitorado

— Haverá alterações substanciais em relação às eleições recentemente realizadas para a eleição do Presidente da República?

A.R.M. — Suponho que existe uma certa estabilidade no eleitorado, até porque não há exemplo de conhecidas mutações dramáticas no curto espaço de tempo que medeia entre as últimas eleições havidas e as actuais.

Para além disso, acredito que se se verificarem algumas oscilações na percentagem dos votos que correspondem a cada Partido elas serão no cómputo geral desfavoráveis ao PS.

Todavia, em eleições deste tipo, em que se confrontam problemas de âmbito local, as

características de consulta não permitem uma justa posição aos resultados anteriores. Daí que a leitura da expressão do voto do eleitorado tenha de obedecer a critérios diferentes que nem sempre passam pela quantificação numérica.

Análise de todas as iniciativas

— Quais as primeiras medidas a tomar, caso seja eleito para a Câmara Municipal de Lisboa?

A.R.M. — A dificuldade reside na escolha de um estabelecimento de prioridades, tão grandes e importantes são os problemas à espera de resolução. Haverá, naturalmente, que inserir os novos órgãos agora eleitos no corpo já constituído da Câmara e estabelecer com

eles as necessárias relações de trabalho.

Para além disso é indispensável proceder a uma análise de todas as iniciativas que a Câmara, neste momento, tem em curso, a fim de estabelecer uma programação correspondente às medidas que estão consignadas nas nossas declarações eleitorais.

«Não receio os inconvenientes do bloqueamento por forças opostas»

— Que pensa do sistema de lista proporcional, em prejuízo do sistema maioritário, a utilizar nestas eleições?

A.R.F. — Sou favorável ao sistema de lista proporcional, porque entendo que através

dele se conseguirá ter, quer no executivo quer no deliberativo do Município, uma apresentação fiel daquilo que é, neste momento, a expressão da vontade das populações.

Não receio os inconvenientes que, por certas forças políticas, foram assinaladas para este tipo de eleições, ou seja o perigo de certos bloqueamentos pela confrontação de forças opostas que, entre si, se equilibram.

Julgo que em face dos problemas concretos haverá em todos os casos uma saída adequada. De resto, convém não esquecer que o órgão deliberativo é essencialmente a assembleia municipal e que aí, pelo número dos membros que a constituem, será sempre possível, na maior parte dos casos, encontrar um consenso predominante.

O Partido Socialista irá concorrer a praticamente todas as autarquias locais, com especial relevância para Lisboa, capital do País, onde os problemas que os candidatos eleitos pelo Povo português irão enfrentar enormes dificuldades, com vista à satisfação e resolução dos mais graves problemas que os cidadãos enfrentam. Aquilino Ribeiro Machado, deputado à Assembleia da República e pertencente, também, à Comissão Nacional do PS, é o candidato daquele Partido à Câmara Municipal de Lisboa.

Entendo, ainda, que através desta campanha se consegue mobilizar um número notável de candidatos e de forças políticas que os apoiam e que isso se traduz num recorde numa intensa vida política de que todo o País irá ganhar a médio e longo prazo. Acima de tudo há a revalorização da política, que tão adulterada foi nos últimos 50 anos.

Helena Roseta (PSD):



A CONSTITUIÇÃO das autarquias locais será o ponto de conclusão do que legalmente se observará como a verdadeira implantação da Democracia no nosso País. Em vésperas, portanto, das respectivas eleições e no contacto que procuramos com elementos ligados a Partidos com assento na Assembleia da República e que fazem parte de listas de eleição, perante as interrogações que formulámos, fizemos o registo do depoimento da deputada pelo PSD/PPD, Helena Roseta.

«O PAÍS» — No «Manifesto Social-Democrata aos Cidadãos de Lisboa por um Verdadeiro Poder Local», o PSD refere-se, com grande destaque, a problemas ligados àquilo que, segundo o vosso ponto de vista, deverá ser uma correcta gestão municipal e crítica o funcionamento da actual. Que entendem concretamente por «despoluir a gestão municipal» (qual é essa poluição?) e como irão pôr cobro à inépcia da actual C.M.L.?

Helena Roseta — «Despoluir a gestão municipal» significa, para nós, libertá-la das tutelas centralizadoras que lhe devem ser alheias. De acordo com o

«Tem havido incapacidade de execução»

velho código administrativo, as Câmaras Municipais não prestavam contas aos cidadãos mas sim ao Governo, que podia, em face de irregularidades ou desentendimentos detectados, substituir pura e simplesmente a verificação por uma comissão administrativa designada. Nisto consistia, fundamentalmente, a tutela, que se concretizava na prática por constantes intervenções administrativas dos órgãos centrais sobre os locais. Estes, de resto, mais não eram que «correias de transmissão» daqueles...

É contra este sistema que nos propomos lutar, ao abrigo da Constituição e da verdadeira construção de um «Poder lo-

cal» — as contas a prestar serão à assembleia municipal, órgão representativo e democrático e não mais ao Governo central.

A actual inépcia da C.M.L. prende-se, não apenas com este facto (inexistência até agora de um verdadeiro controlo democrático da gestão), mas também com problemas de fundo que urge enfrentar: a Câmara dispõe de cerca de dez mil empregados mal pagos, pouco qualificados, e gasta com a sua própria existência mais de 85 por cento das verbas de que dispõe. Por outro lado, a incapacidade de execução traduz-se na quantidade de projectos e planos por executar e no facto de não serem, em

geral, alcançadas as verbas orçadas para este efeito, o que acarreta elevados saldos positivos ao fim do ano. Para alterar este estado de coisas, propomos:

— a definição do estatuto económico e financeiro da C.M.L., com base na autonomia financeira que defendemos para o Poder local;

— orientar a gestão municipal segundo os métodos da gestão por objectivos;

— efectivo controlo democrático da Câmara pela assembleia municipal;

— elaboração, em tempo oportuno, do orçamento regional para a área metropolitana de Lisboa;

— reorganização dos serviços camarários e reorientação das empresas públicas municipais em função das grandes directrizes traçadas pelos órgãos eleitos;

— recuperação, para o pleno aproveitamento, dos actuais trabalhadores da Câmara, promovendo a formação acelerada, evitando duplicações e subemprego e revendo a política de contratação (excesso de tarefas) e de salários; e

— reestruturação dos serviços de controlo de vistorias e inspecções e luta contra a corrupção vigente em alguns serviços e contra as negligências.

(continua na pág. 18)

António Martins Canaverde (CDS):

«O PS tem-se revelado surdo às vozes da oposição»

«O PAÍS» — Como presidente da Assembleia Geral do Benfica, pensa que esse seu cargo poderá influir na escolha do eleitorado que irá votar nas listas do CDS?

Martins Canaverde — É evidente que, se todos os sócios e simpatizantes do Benfica e alguns sócios e simpatizantes do Sporting, clube com quem mantemos as melhores relações, votarem na lista do CDS que encabeço, para a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, seria eleito quase de certeza.

Penso, aliás, que os leitores, mais do que em ideologias e doutrinas, irão nestas eleições escolher, de preferência, as pessoas que, no seu entender, possuem melhores condições para os representar na gestão e administração da coisa local.

— Qual a sua opinião, em relação à decisão governamental de não colocar os órgãos de co-

municação social ao serviço da propaganda dos outros Partidos, com vistas às próximas eleições para as autarquias locais?

A.M.C. — Como é público e notório, o Governo socialista, para além da incompetência revelada ao cabo destes quatro meses, também se tem revelado, por vezes, surdo às vozes da Oposição. Deste modo, a legislação relativamente à eleição para as autarquias locais foi elaborada pelo próprio Governo. Quando o CDS, na Assembleia da República, apresentou projectos de alteração e melhoria dos seus textos a «maioria de esquerda» funcionou a preceito e acabou por derrotá-los...

No interesse do País e dos próprios eleitores, entendemos que a Rádio e a TV deveriam ter sido postas ao serviço da campanha eleitoral, ou de forma a que os Partidos, através

dos seus representantes, pudessem dizer ao Povo qual a sua política global para as autarquias locais.

O Governo socialista tem-se aproveitado largamente desses meios, pois tem-nos ao seu alcance, enquanto os restantes Partidos estão privados da sua utilização neste período, e não só...

— Quanto a si, que Partido ou Partidos poderão melhorar os últimos resultados eleitorais?

A.M.C. — Penso que, dada a angústia e insegurança crescente que as pessoas diariamente vão sentindo quanto ao emprego, quanto aos ordenados, tendo em conta a grave crise que se instalou neste País, à beira do caos, o PS vai necessariamente ter uma votação inferior à que conseguiu no último mês de Abril.

Por outro lado, o CDS, Parti-

do que nenhuma responsabilidade tem na grave situação que Portugal atravessa e as pessoas começam a sentir, atenuando à sua coerência e à capacidade que tem para gerir os interesses nacionais, vai ver a sua posição grandemente aumentada, em relação aos seus adversários políticos.

Até porque, uma das formas que os eleitores possuem para manifestar o seu descontentamento com os Governos que não governam ou governam mal é votarem no Partido da Oposição que maior confiança e esperança lhes merece.

Note-se, ainda, que o Governo socialista terá de ser mais compreensivo para com as autarquias locais em que não conseguiram vencer do que naquelas que irão ser geridas por membros do PS.

— Foi caso de vir a ser eleito, quais as medidas fundamentais

que tomaria em relação à situação do Município de Lisboa?

A.M.C. — Se porventura vier a ser eleito, o primeiro passo que darei será no sentido de revelar, dentro do mais curto espaço de tempo, a situação económica e financeira da Câmara e, duma maneira geral, o seu actual estado.

No que diz respeito aos grandes problemas que a gestão de uma Câmara como Lisboa implica, eles terão de ser equacionados com os demais vereadores que vierem a ser eleitos. Contudo, por mim, devo acrescentar que, para além de respeitarmos a história e a verdadeira tradição da nossa capital, seremos intransigentes defensores, perante os órgãos de soberania, de uma verdadeira descentralização administrativa e de uma autêntica e real autonomia financeira.

(continua na pág. 13)

Povo Unido afirma:

«Há militantes do PSD nas nossas listas»

«O PAÍS» contactou, também, a Frente Eleitoral Povo Unido, no intuito de conseguir que esta nos concedesse uma entrevista, na qual seriam abordadas questões ligadas às eleições para as autarquias locais — entrevista que, como já se esperava, nos foi negada. A desculpa já é conhecida (falta-lhes imaginação para outra melhor): «As agendas de trabalho dos membros da Comissão Executiva estão totalmente preenchidas. Não nos é possível, por isso, conceder-vos a entrevista». Viram? Estão assoberbados de trabalho (ou será que receiam o diálogo franco e aberto?)

Apesar de tudo, publicamos algumas das respostas às questões que pusemos numa confe-

rência de Imprensa que esta organização deu há alguns dias.

«O PAÍS» — Como antevém os vossos resultados eleitorais no Norte do País?

FEPU — Os dados que temos em relação aos cinco distritos da área do Norte deixam-nos optimistas. Houve muitas pessoas sem filiação partidária que aderiram às nossas listas e isso vai aumentar a área de clientela eleitoral, apesar das liberdades, nesta zona do País, não estarem totalmente garantidas. Na zona Centro, também cremos que se venha a verificar um aumento, embora também lutemos com dificuldades idênticas às que temos no Norte.

— A FEPU afirma, frequentemente, que conta com militantes do Partido Socialista na composição das suas listas. Gostaria de saber se também há militantes de outros partidos políticos que, como organização, não apoiem a Frente?

FEPU — Particularmente no Norte e Centro do País e, também, no interior, há militantes do PSD, embora não sejam «militantes qualificados» — como afirma o PS em relação aos seus militantes que se encontram nas nossas listas — e, até, pessoas que anteriormente votaram no CDS. Uma coisa é certa: nem todos os militantes do CDS são reaccionários. São de mal esclarecidos e não se apercebem que este Partido tem uma política reaccionária.



— E também: houve militantes de Partidos da extrema-esquerda que tenham aderido às vossas listas?

FEPU — Esta Frente não fe-

cha as portas a pessoas que anteriormente tenham aderido a quaisquer Partidos. Temos tomado posição em relação aos agrupamentos e à sua política.

No entanto, nós aceitamos as pessoas que quiserem entrar para a Frente e, por isso, também temos pessoas da natureza que referiu nas nossas listas.

espectáculos

Paulo de Carvalho:

«Gostava de participar numa festa de apoio a Otelo»

PAULO de Carvalho foi um dos «Sheiks», juntamente com Carlos Mendes e Fernando Tordo. Voltou ao convívio do público através do Festival TV da Canção, com uma canção intitulada «Corre Nina». Desde então, assinou presença anual neste certame, conquistando o direito de representar o nosso País no Grande Prémio da Eurovisão com «Flor sem Tempo» e, mais tarde, interpretando «E Depois do Adeus».

Após o 25 de Abril, foi o autor do «Hino do PPD», falando-se mesmo na sua militância no Partido liderado por Sá Carneiro. Surpreendentemente, Paulo de Carvalho fez uma viragem política quase total, uma vez que participou na ainda recente «Festa do Avante».

Como teria sido possível uma tal evolução na linha política do cantor? É que também nos recordávamos do tempo-pré 25 de Abril, em que ele foi um dos principais colaboradores num programa da RTP, produzido por Ema Preto Pacheco, logo saneada nos primeiros dias de Maio de 74...

Decidimos ouvi-lo. Dar a Paulo de Carvalho uma oportunidade de esclarecer o público das suas recentes tomadas de posição. Até por que, escutando as suas últimas composições, não se verificaram diferenças nítidas, no campo das letras, em relação àquilo que o artista produzia em 1973...

A vertiginosa «cavalgada» das ideias...

«O PAÍS» — As suas ideias políticas têm tido, nos últimos tempos, uma «cavalgada» vertiginosa. Você, antes de Abril 74, era uma das atracções dum programa de Ema Preto Pacheco. Depois, foi o autor do «Hino do PPD», tendo, recentemente, participado na «Festa do Avante». Como se poderão explicar tão bruscos «saltos»?

Paulo de Carvalho — Antes do mais, gostaria de agradecer ao vosso Jornal a oportunidade que me concede de poder explicar alguns mal-entendidos que têm surgido à volta da minha pessoa, desfazendo a imagem que as conclusões precipitadas das pessoas provocaram.

Pois participei no citado programa da RTP, uma vez que julguei as ideias iniciais como bastante boas e susceptíveis de produzir em um programa de qualidade. Nada tive a ver com a montagem. Daí, a minha nula quota-parte para a falta de clareza que o programa passou a possuir...

No que respeita ao «Hino do PPD», acontece que a grande maioria das pessoas das minhas relações, algumas das quais permanecem minhas amigas, peitenciam ao Partido em questão. Poder-se-ia dizer que me encontrava próximo dos ideais social-democratas, pelo que aceitei o convite que me foi dirigido por importantes dirigentes do Partido, no sentido de compor o «Hino».

— Porquê uma inclinação pela ideologia social-democrata?

P.C. — Atendendo a que as principais figuras do PPD foram membros da ala liberal na antiga Assembleia Nacional, como

é o caso de Pinto Balsemão e Sá Carneiro, julguei que era este o «meu» Partido. Fiz esta opção, norteado por deficientes conhecimentos daquilo que os programas dos restantes agrupamentos consignavam.

Pouco tempo depois, achei que o PPD não correspondia aos meus anseios e separei-me. Quero deixar bem vincado que o próprio «Hino» é, quanto a mim, um texto de esquerda.

— Não leu os programas dos outros Partidos, logo após o 25 de Abril? Se o tivesse feito, talvez a escolha fosse outra...

P.C. — Bem vê, notava-se nessa altura da nossa Revolução uma certa nebulosidade política. Com tantas coisas a que não estava habituado, o Povo não podia dispor de dados suficientes para optar, em consciência, por esquerda ou por direita.

— Mas você, afinal, é de esquerda ou de direita?

P.C. — Considero-me de esquerda, mas não estou filiado em nenhum Partido, porque não vejo interesse especial. Contudo, tomei parte na «Festa do Avante», uma vez que não sou anti-comunista. Existem mesmo aspectos em que concordo com a política do PCP, havendo, porém, pontos em que discordo...

— Concretize um pouco melhor...

P.C. — Olhe, por exemplo, quero ter possibilidades de criticar aquilo que o mereça ser...

Contudo, preconizo e estou grandemente interessado numa unidade de esquerda, pelo que me aproximo do Partido Comunista...

Ainda acerca da minha participação na «Festa do Avante», toda a gente sabe que os intervenientes na festa do órgão oficial do Partido Comunista Francês, «L'Humanité», podem não estar filiados no Partido liderado por Marchais.

Talvez tudo isto possa parecer confuso, para quem perceba um pouco de política, mas é assim que penso... Até por que estou pouco esclarecido politicamente...

— Você nunca participaria, pelos vistos, numa festa de apoio ao actual Presidente da República, general Ramalho Eanes...

P.C. — Agora, claro que nunca o faria. Dos candidatos para as derradeiras eleições presidenciais só colaboraria numa festa a favor da campanha de Otelo Saraiva de Carvalho...

GDUPS, MES e UDP

— Bem, então você estará, provavelmente, mais próximo dos GDUPS, ou seja, dentro duma linha equivalente ao MES, à UDP...

P.C. — Efectivamente, as minhas actuais ideias colocam-me, em muitos pontos, a esquerda do próprio PCP. Não afecto ao MES, uma vez que não tenho suficiente cultura para tal. Em relação à UDP, talvez... Porém, não gosto de me filiar, pois desapareceria a liberdade de criticar a actuação do Partido...

Gostaria, em resumo, que a esquerda estivesse unida em Portugal...

mente, que o seu trânsito é pouco menos que caótico, que a construção clandestina, as barracas e casas abarracadas têm de ser encaradas de frente e solucionadas através de um plano que, em alguns anos, possa resolver esse problema.

Também as modificações recentes introduzidas no actual Código de Estrada, pretensamente a favor do peão, virão trazer novos problemas ao trânsito lisboeta, uma das tarefas prioritárias, a par da carência de habitações em número e qualidade suficiente.

As zonas verdes e os parques deverão ser utilizados cada vez mais frequentemente pelos municípios e, por exemplo, o Parque Eduardo VII não poderá continuar a ser uma zona de marginais, onde as pessoas ordeiras e pacatas têm, legitimamente, receio de passar.

Diligenciaremos, igualmente, no sentido de que o abastecimento em géneros alimentares, em água e em luz, não sofram alterações e interrupções que tornam, como é consabido, a vida em Lisboa num crescente pesadelo.



— No leque partidário, onde começaria a esquerda para si?

P.C. — Para mim, talvez a partir da facção esquerdista do Partido Socialista...

— Portanto, você está, finalmente, com a consciência tranquila...

P.C. — Toda a gente tem direito a errar. No meu caso, não renego nada daquilo que fiz, se é que se podem considerar erros os actos que pratiquei...

Quando dizia que Balsemão e Sá Carneiro eram dum ala moderada e liberal, não estava politicamente informado. A opção da maioria dos portugueses só foi possível depois do 25 de Abril...

— Você, antes desta data, nunca esteve ligado à eleição das «misses»?

P.C. — Bastava ter dois dedos de testa para não concordar com uma coisa daquelas...

«Canção política»

— Bem, mudemos de assunto. Depois de termos ouvido o seu último LP, com o título «MPCC», não notámos qualquer evolução política no repertório, desde a altura em que você gravou «Flor Sem Tempo». Sendo um homem de esquerda, ainda para lá do PCP, por que razão não reflecte as ideias nas letras que canta? Ou querará você agradar «a gregos e troianos»?

P.C. — Não deve conhecer o «Fado das Caixas»...

— Já o ouvimos inúmeras vezes. Não achámos nada de especial no aspecto de «canção política». Recordamos-lhe a tão discutida «Tourada», interpretada por Fernando Tordo algum tempo antes do 25 de Abril, cuja letra era bem mais «de esquerda» do que as suas últimas gravações...

P.C. — Acontece que não sou um intérprete panfletário. Não faço a minha música para agradar a X ou a Y. De facto, as letras não acompanharam a minha evolução política. Porém, não quero pôr a canção ao serviço deste ou daquele Partido, mas sempre em prol da política...

— Achamos tudo vago, muito indeciso. Não conseguimos compreender muitas das suas palavras, pois aquilo que você acaba por fazer em nada é compatível com o que você diz. Porém o problema é seu. Mas vamos lá continuar a falar de música. Antes do 25 de Abril, você foi intérprete de muitas composições cujo autor era José Calvário. Pensamos que desde então você nunca mais cantou nada dele. Será devido ao facto de, segundo se diz, ele estar muito próximo da esfera política do CDS?

P.C. — Já não vejo o Zé há muito tempo. Penso que poderíamos continuar a trabalhar em termos musicais, mas nunca no aspecto de texto. Nada tenho contra o facto de estarmos politicamente em desacordo. Continuo a ser seu amigo. Porém, se voltássemos a gravar, teria de ser ele a fazer concessões no que diz respeito à letra das eventuais composições... Compreende-me a razão...

— Nós não conseguimos! Você, sendo amigo do Zé Calvário, também deveria fazer concessões...

A Democracia...

P.C. — Continuo na minha... Dou-me com gente de diversas ideologias políticas. Isto é que é Democracia.

— Talvez nos possa dar um exemplo de um País em que haja verdadeira Democracia...

P.C. — Talvez a Inglaterra, onde cada um tem o direito de dizer aquilo que pensa. Quanto a mim, a Democracia tem muito que ver com a educação das pessoas.

Não sou, de modo algum, radical. Gostaria que em Portugal as pessoas se unissem, de modo a permitirem uma sociedade verdadeiramente socialista e democrática, por meio de uma via de esquerda.

A entrevista terminou. Porém, os argumentos incoerentes e inconsistentes apontados por Paulo de Carvalho não poderão deixar de ser referidos. Por diversas vezes, no decorrer da nossa conversa, fizemos-lhe ver que as suas «teses» pecavam por desconexas e mesmo por falta de sentido. Mas, lá nos dizia o nosso entrevistado... «Talvez tudo isto possa parecer confuso para quem perceba um pouco de política, mas é assim que penso...» Com base nesta sua afirmação, que comentários nos restarão?

Queríamos elucidar os nossos leitores acerca da personalidade do tão discutido cantor. Fizemos todos os possíveis para que Paulo de Carvalho se pudesse defender de alguns ataques de que tem sido vítima por posições recentemente tomadas. Restará saber se as dúvidas existentes se terão dissipado por completo... Para nós, aumentaram...

Manuel Gil Fernandes

Martins Canaverde

(continuação da pag. 13)

Somos favoráveis à afixação de competência e atribuições dos vereadores, de modo que estes sejam independentes perante o Governo, com possibilidade de realizarem, em favor dos municípios, as utilidades sociais, que são a sua razão fundamental de existir.

Toda a gente sabe e sente que Lisboa está suja, desnecessaria-

MOLAFLEX

equipa

Hotel Penta LISBOA



HOTEL PENTA PENSOU NA SEGURANÇA DOS SEUS HÓSPEDES!

A Molaflex orgulha-se de comunicar aos seus Clientes, que após rigorosa apreciação qualitativa incluindo análises aos materiais, executadas nos laboratórios da TAP, foi dada preferência à Molaflex, para equipar o novo Hotel PENTA, em Lisboa, com colchões de molas.

Em resultado dessas análises foi seleccionado o colchão da Molaflex tipo KNARD.

knard

não inflamável • auto-extinguível • resistente à chama
e também ortopédico como todos os colchões da Molaflex

SENSACIONAL

crochet ideal

crochet ideal

crochet ideal

crochet ideal

APENAS

50\$00

... e completará a sua colecção com estes

5 números de **crochet ideal**

Remeta 50\$00 à LOJA DOS FIGURINOS

Rua Augusta, 185 — LISBOA e receberá na volta do correio.

escreve

Desprezo pelos contribuintes

O SIGNATÁRIO é dono de um apartamento no complexo Matur, na Madeira.

Para tanto, realizou o respectivo pagamento na totalidade e cumpriu as obrigações legais quanto a sisa.

Vem pagando pontualmente a contribuição predial respectiva. Simplesmente, não está ainda outorgada a escritura pública.

O signatário vem solicitando

insistentemente à comissão de gestão daquele complexo para que venha cumprir a obrigação de realizar o referido acto notarial, sem qualquer resultado, todavia.

Acontece, até, que a referida comissão de gestão nem resposta dá às cartas que lhe são enviadas!

Este desprezo completo pelos direitos dos cidadãos-contribuintes parece quase inacreditável, tratando-se, ainda para

mais, de uma comissão nomeada pelo Estado, por conseguinte, com deveres suplementares no que concerne ao cumprimento da lei e ao zelo dos interesses dos indivíduos, o que, mais uma vez, nos conduz a esta conclusão:

— Para pagar, cá estamos todos; para exigir, nem sequer existimos.

Vasco Cerqueira de Faria PORTO

O comandante Montez

NÃO costumo ler o seu Jornal. Por isso, só agora que pessoa amiga me trouxe o recorte, tive conhecimento de uma referência feita ao comandante Montez na coluna "Diz-se, Diz-se..."

do número de 8 de Outubro do corrente ano. Transcrevo integralmente: "O COMANDANTE MONTEZ. Que foi um dinâmico revolucionário no Palácio Foz, como sabemos deixou, deixou aquela "ex-casa-asilo". Mas ficou lá a irmã como fun-

cionária, que, por cunha do Jesusino, passou aos quadros do M.C.S.

Ora, acontece que o comandante Montez é filho único e a pessoa mais indicada para afirmar sou eu que sou pai dele...

Acontece, ainda, que é muito fácil, hoje, para qualquer escriba menos escrupuloso, fazer afirmações deste tipo (com que objectivo?) sobre qualquer militar no activo pois, como se sabe, os militares estão proibidos

de escrever nos jornais mesmo que seja, apenas, como é o caso, para se defenderem dos ataques insidiosos da "Imprensa livre" que não existiria sem a sua corajosa acção no 25 de Abril e depois...

Solicito-lhe a publicação desta carta para repor a verdade dos factos. Se não for publicada, farei dela, como é óbvio, o uso que entender conveniente...

Luiz Montez — Lisboa

Bacalhau e marmelada?

POIS é verdade, numa terra próxima de Guimarães, situada entre as vilas de Fafe e Amarante, Felgueiras é talvez aquela que, na contabilidade dos seus comerciantes do género retalhista, mais marmelada contém. Haverá, sem exagero, milhares de quilos facturados e outros a facturar na época que se avizinha.

A razão de toda esta marmelada verifica-se na venda do bacalhau que, quanto maior for, mais marmelada precisa o seu fornecedor de facturar, pois o fiel amigo, esse, não pode nunca ser facturado a preços se não os da tabela em vigor.

Após o 25 de Abril, tão desejado para todos os trabalhado-

res em geral, é-o agora por um dito comerciante sem escrupulos, que astronomicamente vende bacalhau e sempre com grandes favores, que, para realçar mais, ainda se ufana de ser presidente de certa Mesa de homem bom em empréstimos com largos lucros e progenitor de um dos candidatos a presidente da Câmara Municipal de Felgueiras. Se assim é nesta data, melhor será no futuro, se as coisas lhe continuarem a correr como deseja...

Um habitante digno da terra, um esteio na construção social que apregoa e que deseja mais firme e duradoira para amontoar milhares de contos à custa

daqueles que querendo bacalhau para a sua alimentação lhe têm de pagar o que ele quiser "debaixo do maior favor."

Desconhecido da fiscalização, caminha direito na sua engorda, rindo-se de todos, incluindo aqueles que lhe fiscalizam os seus livros de contabilidade e nada encontrando, tudo certo, ainda lhe fazem vênias de aprovação!

Bacalhau, assim, será só para alguns.

Felgueiras com tal género de indivíduos não ficará sem a marmelada tão cedo.

Rui Sousa da Silva Felgueiras

A ingenuidade pueril do sr. Castrim

HÁ pelo menos um ofendido pelas imagens vindas da BBC num depoimento sobre a KGB. Nunca se consegue agradar a toda a gente...

Não interessam as afirmações do sr. Castrim, de que "É mentira, sofisma ou omissão", e as suas opiniões a tentar pôr dúvidas no que para os portugueses é já bem claro.

Não nos preocupam as afirmações de que o paraíso é a União Soviética, sem fome, sem greves, sem inflação, mas com

casas boas e baratas, transportes nas melhores condições e, enfim, uma vida muito superior à dos restantes países. Questões de prova, o tempo decidirá... O que nos preocupa é o facto de existir um crítico que luta pela monopolização da Informação, ao serviço da linha política que perfilha e que pensa que os portugueses estariam dispostos a aceitar uma só opinião, seja ela qual for.

Que o sr. Castrim elogie a KGB que defende "os amantes

da paz, do bem-estar para todos, da sociedade liberta" é uma opinião... Consideramo-la, pelo menos, ingénuo, já que o sr. Castrim talvez queira uma polícia política do cariz da KGB, mas desconhece, decerto, que os portugueses não querem, o que é mais grave e ainda, parece que os russos também não!

João Medina Monteiro Lisboa

Democracia e igualdade mas...

CONHEÇO dois casos, aliás amigas minhas.

Ambas são divorciadas, uma tem a seu cargo um filho com 17 anos, é funcionária pública, com vencimento mais ou menos de 10 000\$00 (é 1.ª oficial), a outra, empregada numa

empresa considerada ainda privada, com um vencimento de 9 000\$00.

Ora a funcionária, com um filho de 17 anos, recebe de pensão do ex-marido 1800\$00, a outra com uma filha de 14 anos só recebe 900\$00. Até aqui

não vejo grande mal, pois ninguém tem culpa que os juizes sejam mais ou menos benévolo ou os pais das crianças tenham mais ou menos possibilidades de dar.

Gostaria de saber é o porquê do seguinte:

A que tem menos rendimento, tem por fatalidade uma renda de casa de 2000\$00, e tem que pagar a quem lhe tome conta da filha até que está no emprego e a miúda não esteja nas aulas e ainda tem "a pobre" que pagar imposto profissional e imposto complementar o imposto profissional de 4 por cento e mais o adicional de 10 por cento, no fim do ano.

A funcionária tem mais rendimento, paga uma renda de casa de 800\$00, tem o filho com o 7.º ano feito, tem os pais ao pé (de quem recebe ajuda extraordinárias) e não paga ou desconta para imposto profissional nem imposto complementar.

Porque não descontam todos para o imposto profissional, permitindo assim que as taxas

sejam inferiores? Pelo menos para os que ganham menos...

É isto meus amigos, a Democracia e a Igualdade, quando o sector privado está tão sabercarregado? E para casos como estes não há legislação? Infelizmente este não é o único. Há milhares neste País tão desfeitos...

Maria Teresa — LISBOA



Figuras & Figurões

JÁ há dias que circula pelas estradas, vilas, aldeias e cidades do nosso País uma viatura que divulga o concurso começado no nosso Jornal há algumas semanas.

Pela fotografia que reproduzimos poder-se-á ter uma ideia da imagem publicitária do con-

curso "Figuras e Figurões" conseguida através de uma carrinha revestida com algumas das caricaturas de personalidades políticas que fazem parte da alegre iniciativa que tanto êxito está a alcançar.

O humor — que tão arredado tem andado da nossa vida quo-

tidiana — poderá voltar a ter o lugar que é devido no dia a dia dos portugueses. É mesmo nos momentos mais difíceis, um pouco de graça e de boa disposição ajuda a encarar, com optimismo, os problemas que nos atormentam.

Helena Roseta

(continuação da pág. 13)

Estas, em síntese, as principais medidas a promover no sector da gestão municipal.

Problemas prementes

— Nesse documento, ao referirem-se aos problemas desta cidade, em certa passagem, realçam alguns que, de facto, são de resolução de nível nacional — e portanto da competência do Governo — e não regional, apesar de não haver, ainda, uma definição de competências para os órgãos do Poder local. Estes problemas são, concretamente: a afluência dos desalojados, o aumento de desemprego, o agravamento do custo de vida, as dificuldades de transporte e os aumentos de tarifas, as ocupações selvagens de casas, a crise de construção civil e o aumento das novas rendas, o aumento da criminalidade e do uso da droga. Quais serão as

vossas relações com o Governo e quais serão os campos e formas de actuação da C.M.L.?

H.R. — As nossas relações com o Governo, a nível nacional e antes das eleições, são as relações de um Partido Social-Democrata da Oposição face a um Partido Socialista no Governo, do que resulta uma Oposição não sistemática mas realista, aplicada caso-a-caso. As recentes demonstrações da inépcia governamental tem-nos levado a dizer mais vezes "Assim não!" do que "Assim sim!" mas isso deve-se acima de tudo à incapacidade do Governo.

As propostas do Governo no Orçamento, designadamente a redução da já exigua parcela que é afectada às autarquias locais, determinaram uma atitude de frontal oposição, cujo desenlace depende do comportamento do Governo na próxima discussão deste assunto na Assembleia.

Poderá vir a pôr-se, no futuro, o problema de substituição do Governo — que a nosso ver não derivará directamente dos resultados eleitorais, mas fundamentalmente das decisões da

Assembleia da República e do Presidente da República, conforme a Constituição prevê, e das duas, uma: ou o Governo é substituído, ou se mantém; em qualquer dos casos, põe-se o problema das nossas relações, a nível da C.M.L. — que é a principal Câmara do País — com o Governo. Pessoalmente, dir-lhe-ei que admito a possibilidade de um entendimento entre os Partidos democráticos mais representativos na C.M.L. — esta, de resto, foi a tese que sempre defendemos em relação ao Governo. Ainda que o PSD ganhasse as eleições, não pretendia governar sozinho a C.M.L., a menos que tivesse a maioria absoluta dos lugares. Assim sendo, partimos para as eleições com vontade de fazer menos querela partidária e mais cooperação efectiva. Só depois de conhecidos os resultados poderemos falar das relações entre C.M.L. e o actual ou futuro Governo. Uma coisa, porém, é certa: é que os social-democratas se baterão pela independência entre um e outro, pela força e vitalidade de um verdadeiro Poder local.

CASACOS DE PELE
De vison, astrakan, leopardo e todo o género de pelaria confeccionada ou para confecções. Desconto para peleiros e modistas.
CASACOS DE CABEDAL
E de antilope para senhora e homem, confeccionados ou por medida. Também limparamos antilope e tingimos cabedal com garantia.
MALAS DE SENHORA
e viagem, pastas, carteiras, porta-moedas, cintos, luvas, etc. Grande variedade em malas de crocodilo, antilope, cobra e toda a qualidade de pelaria fina e imitação. Compre ou mande executar sem mais intermediários no
MERCADO DAS PELES
Rua dos Fanqueiros, 286. Loja e S/Loja

BNA
NATAL 76
1 CASA
DE 750 CONTOS
2 TOYOTAS
1000 prémios para Si!

APRENDA EM SUA CASA POR CORRESPONDÊNCIA GUITARRA
Garantia de uma Instituição do máximo prestígio em todo o mundo
34 ANOS DE EXPERIÊNCIA • 1 000 000 DE ALUNOS
CURSOS EM PORTUGUES:
Puericultura • Cabeleireiro de Senhoras • Guitarra • Corte e Confeção
OUTROS CURSOS CCC EM ESPANHOL:
— Contabilidade
— Secretariado
— Publicidade
— Banca
— Seguros
— Cozinha
— Beleza e Estética
— Cultura Física (mulher)
— Judo
— A Mulher em Sua Casa
— Desenho Artístico
— Cinematografia
— Agricultura
— Vendedor Retalhista
— Marketing e Direcção Comercial
— Promoção de Vendas
— Planificação e lançamento de novos produtos
— Psicologia e Técnica de Vendas
— Informática (iniciação)
— Informática Básica
— Perfurador
— Linguagem Fortran
— Linguagem Cobol
— Programador Fortran
— Programador de Aplicação
... e outros mais que ultrapassam 100 cursos.
Peça informações GRATIS: CCC — Portugal, Av. Manuel da Maia, 32 Tel. 43563 — Lisboa 1
Desejo informações GRATIS E PELO CORREIO sobre o GN/PA
Curso de _____
Nome _____
Morada _____ Localidade _____
CCC — Portugal, Av. Manuel da Maia, 32 — Lisboa 1

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECCOES
Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 95-C — LISBOA